



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



**A INFLUÊNCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA APRENDIZAGEM DA
ESCRITA: OS DADOS DE HIPERSEGMENTAÇÃO**

Thayane Lessa de Carvalho Teixeira

Rio de Janeiro
2020

THAYANE LESSA DE CARVALHO TEIXEIRA

**A INFLUÊNCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA APRENDIZAGEM DA
ESCRITA: OS DADOS DE HIPERSEGMENTAÇÃO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador(a): Prof. Dra. Eliete Figueira Batista da Silveira

RIO DE JANEIRO

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado.

Agradeço, em especial, à minha orientadora Professora Eliete Silveira por todo apoio e orientações prestadas ao longo desse trabalho, se mostrando sempre solícita e disposta a auxiliar-me.

Agradeço à minha mãe Simone por ter sido minha heroína me dando apoio e incentivo nas horas difíceis.

Agradeço ao meu pai Tito por todo amor e por estar sempre ao meu lado nas minhas escolhas.

Agradeço ao meu marido Eber que foi meu maior incentivador, me apoiou e esteve comigo em cada momento dessa trajetória que não seria possível sem ele.

Agradeço à minha avó Eunice por toda oração e cuidado.

Agradeço às minhas amigas Elisa, Jéssica e Ana Beatriz e ao meu irmão Eslon por todo apoio e companheirismo, entendendo minha ausência e me fazendo entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação ao presente.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
2 REVISÃO DE LITERATURA	3
3 BASE TEÓRICA	11
3.1 LINGUÍSTICA GERATIVA	11
3.2 HIERARQUIA PROSÓDICA	12
3.3 CONHECIMENTO/CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	16
4 METODOLOGIA	17
5 ANÁLISE	20
5.1 TIPOS DE HIPERSEGMENTAÇÃO	20
5.2 TIPO DE SÍLABA	23
5.3 TONICIDADE DA SÍLABA	24
5.4 NÚMERO DE SÍLABA	24
5.5 ESCOLARIDADE	27
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

A hipersegmentação consiste na segmentação não-convencional de palavras na escrita, em que os termos ou palavras são separados de modo excessivo, como por exemplo ‘*com migo*’, a partir disso são formados dois vocábulos. Esse desvio é previsto pela Língua nas fases iniciais da escrita, pois traçar limites entre uma palavra e outra é uma atividade complexa no período de aprendizagem da escrita, visto que o conceito de palavra ainda não se estabeleceu. Além disso, a escrita é padronizada e a fala inata, o que dificulta a construção que o aprendiz elabora sobre o processo de segmentação.

Esse trabalho apresenta uma análise qualitativa do fenômeno de hipersegmentação na escrita dos aprendizes, em que cada amostra é passível de observação. Verifica-se de que forma ocorrem as segmentações não convencionais – hipersegmentação- e em que medida essas ocorrências indiciam a correlação entre a consciência metalinguística e a percepção de constituintes prosódicos. Sendo assim, analisa-se o tipo de separação – palavra gramatical e palavra fonológica-, associando ao tipo de sílaba, tonicidade e número de sílaba, de forma a analisar se há um padrão nas ocorrências dos dados. Verifica-se a relação entre níveis escolares (séries) e a ocorrência/frequência de hipersegmentação, pois se espera que, com o processo de ensino/aprendizagem da escrita, as segmentações diminuam no avançar dos anos escolares. As variáveis contam com a coleta de 720 produções de alunos do Ensino Fundamental (1º ao 6º ano), sendo 120 produções para cada ano escolar.

Como base teórica, utilizou-se da Teoria da Aquisição da Linguagem, com ênfase na hipótese do inatismo, em que todo ser humano nasce com uma capacidade genética que possibilita a aquisição da linguagem. Além dos pressupostos da Fonologia Prosódica, que vincula a interface da Fonologia e dos demais componentes da gramática.

Além desta introdução, este trabalho conta com revisão de literatura, parte fundamental para i) a compreensão do fenômeno, ii) o estabelecimento das variáveis que controlam, assim como iii) a comparação dos resultados obtidos nesta pesquisa. Além disso, somam-se ao trabalho as bases teóricas que sustentam as análises empreendidas; a metodologia que explicita como foi desenvolvida a pesquisa; a leitura e discussão dos resultados e, por fim, a conclusão a que se chega acerca do fenômeno da hipersegmentação na escrita inicial.

2 A SEGMENTAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA E A RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE PALAVRA

Estudos sobre a escrita infantil buscam verificar regularidades nas etapas de aprendizagem da escrita inicial. As pesquisas revelam uma série de regularidades nesse processo que indicam que o aprendiz gera hipóteses para representar os sons da fala graficamente. De um modo geral, as análises denotam que entram em curso na tarefa exigida da criança regras relativas ao conhecimento fonológico internalizado, à intuição sobre o que é palavra, bem como o apoio na oralidade. Neste capítulo, serão apresentadas pesquisas que analisam a escrita infantil, especificamente os processos que as crianças percorrem até atingir a escrita convencional (CHACON, 2005; CUNHA e MIRANDA, 2009; TENANI, 2010; PEREIRA, 2011, além de CHACON, 2009 sobre conceito de palavra).

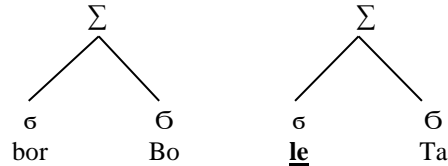
Em seu artigo, Chacon (2005) busca caracterizar por quais caminhos o aprendiz transita na hora de segmentar uma palavra e se respalda no entrelaçamento das práticas orais-letradas que constituem o processo de aprendizagem da escrita. O autor opta por observar a ação da prosódia na escrita infantil e, para isso, analisa os trissílabos hipersegmentados, visto que os polissílabos segmentados possuem baixa ocorrência e os dissílabos não apresentam variação significativa para a ação da prosódia.

Para essa pesquisa, o autor utilizou de um conjunto de 451 textos produzidos em contexto escolar por 40 crianças (18 meninas e 22 meninos) da primeira série de uma escola municipal de ensino fundamental do interior de São Paulo. Os textos foram produzidos no ano letivo de 2001. De um total de 382 ocorrências, foram selecionadas aquelas nas quais foi possível detectar rupturas em vocábulos trissílabos. Das 382 ocorrências, 139 (36,38%) corresponderam a trissílabos rompidos. Como base teórica, utilizou-se da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986), que trata dos constituintes prosódicos e de Bisol (1996).

Segundo Chacon (2005, p.81), “em princípio, qualquer ponto de um trissílabo poderia funcionar como um possível ponto de ruptura – logo, de uma hipersegmentação.” Entretanto em uma segunda análise, o autor observa que as rupturas obedecem a princípios recorrentes. Isso se verifica, uma vez que, dentre os 139 dados analisados, somente três ocorrem rupturas que fogem das características prosódicas, como em: *a j u das; aj u da; e pe di g rre*, causando estranhamento, pois segundo Bisol (1996 *apud* CHACON, 2005, p. 81), no português brasileiro, a maioria dos pés é de natureza binária e de cabeça (acento) à esquerda, o que caracteriza um pé troqueu (maior ocorrência em português). No exemplo abaixo, ilustra-se a

constituição de pés métricos (Σ) binários (junção de duas sílabas) com acento recaindo na penúltima sílaba (paroxítonas), contando-se da direita para a esquerda:

Figura 1: formação de pés métricos no português.



Nos 136 dados restantes, as rupturas ocorrem ou no limite da sílaba como em *câ me ra* (25 oco., 18,38%) ou no limite de sílabas e de pés (111 oco., 81,62%). Dos 111 trissílabos hipersegmentados, 92 ocorreram com segmentação de uma sílaba mais formação de pé iambo (pé binário com cabeça/acento à direita), troqueu (pé binário com cabeça/acento à esquerda) ou espondeu (sequência de duas sílabas longas - uma sílaba acentuada e uma pesada):

- i) uma sílaba mais um pé métrico em iambo, formando uma palavra oxítona como em *com vido* (“convidou”);
- ii) uma sílaba mais um pé troqueu, constituindo uma paroxítona, como em *e Rita* (“irrita”);
- iii) uma sílaba mais um pé espondeu, formando palavra paroxítona, como em *a sucar* (“açúcar”).

Já nos 19 outros casos, ocorre ruptura entre um tipo de pé mais uma sílaba:

- i) um pé iambo (pés binários com cabeça à direita) mais uma sílaba, como em *colo que* (“coloque”);
- ii) um pé troqueu (duas sílabas com acento à esquerda) mais uma sílaba, como em *para bems* (“parabéns”), e
- iii) um pé espondeu (sequência de duas sílabas longas - uma sílaba acentuada e uma pesada) e uma sílaba *em escom de* (“esconder”).

O autor conclui que as hipersegmentações revelam o trânsito das crianças entre as práticas da oralidade e da escrita, em que atuam aspectos prosódicos da língua.

Já para Cunha e Miranda (2009), a experimentação faz parte do período de aquisição do conhecimento, e a vivência de mundo do aprendiz contribui diretamente para a formulação da escrita. No processo de representação dos sons da fala graficamente, ocorrerão dúvidas acerca de onde começa e termina uma palavra ou até mesmo compreender o que é uma palavra. É justamente nesse período que surgem as segmentações não-convencionais.

Em sua pesquisa, as autoras utilizaram o corpus do Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPel), composto por 2000 textos espontâneos elaborados por crianças com idade entre 6 e 12 anos, de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas (RS), uma pública e outra particular. Analisaram-se 74 textos ao total, produzidos por cinco alunos da escola pública e cinco alunos da escola particular, segundo três variáveis linguísticas e duas extralinguísticas: tipo de palavra, estrutura silábica, tonicidade, tipo de escola e série.

Em relação aos dois fenômenos sob análise, as autoras observaram que há mais ocorrências de hipossegmentação do que de hipersegmentação, ou seja, há uma tendência maior a que a criança junte “palavras”. E, para discutir o processo de aprendizagem da escrita, analisam as hipo e hipersegmentações em dados da aquisição¹ da escrita, buscando explicações para as representações não convencionais na prosódia. Para fundamentar sua análise, Cunha e Miranda (2009) utilizaram a Teoria da Linguagem de Noam Chomsky (1965), a Teoria da Aprendizagem de Jean Piaget (1972, 1978), Ferreiro e Teberosky (1999), além da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986).

Com relação aos dados de hipersegmentação, objetos desta pesquisa, foram encontrados casos de separação de palavra gramatical + palavra fonológica (*com migo*). Esse tipo de fenômeno ocorre, pois a criança tem preferência por segmentar uma constituição de palavras dissílabas paroxítonas.

Outro resultado encontrado foi o de palavra fonológica + palavra gramatical (*gritan do*). Segundo as autoras, esse contexto pode ter sido motivado pelo fato de a criança já ter se deparado com a forma ‘do’ separada na escrita, e, portanto, estabeleceu uma analogia. Nesse mesmo contexto, é possível observar que a separação ocorria logo após uma sílaba tônica, favorecendo a segmentação.

Por fim, há ainda a segmentação de palavra fonológica + palavra fonológica (*verda deiro*). Nesse caso, foram obtidos três tipos de resultados: uma palavra fonológica se dividindo em duas, uma palavra fonológica transformando-se em duas lexicais (*mau tratados*) e, por último, uma palavra fonológica que passa a uma palavra lexical e uma sem significado (*ar partamento*). As autoras destacaram também os casos de hipo de hipersegmentação em uma mesma sequência, mas eles não aparecem em grandes números, como por exemplo: *quem fim* (que enfim) e *que enfim* > qu[e]nfi m > quem fim, com isso elas levantam a hipótese

¹ O termo aquisição da escrita é utilizado pelas autoras. Para esta pesquisa, adota-se a expressão aprendizagem da escrita, por entender que não se trata de processo inato, mas que precisa de instruções para que suas regras e convenções sejam alcançadas.

de que primeiro a criança constrói uma sequência única para depois hipersegmentar, formando duas palavras fonológicas que são lexicais.

Cunha e Miranda (2009, p. 146) refletem que os dados analisados revelam o processo linguístico que a criança já possui mais especificamente os processos prosódicos da língua, evidenciando a estreita relação da oralidade e escrita. Conclui-se que os casos de hipersegmentação evidenciam uma predominância de separação de uma palavra gramatical e outra fonológica com em ‘*em bora*’ (embora), e a separação de uma palavra em duas outras fonológicas com em ‘*verda deiro*’ (verdadeiro). Tanto nos dados de hipossegmentação como nos dados de hipersegmentação duas tendências foram afirmadas, a da teoria prosódica, em que a criança preserva o constituinte silábico ao definir os limites da palavra e a teoria de Ferreira e Teberosky (1999) de que a criança participa de forma direta no processo de aquisição da escrita e faz do texto experiências, estabelecendo hipóteses.

Diante das dúvidas relacionadas aos locais onde os espaços das palavras devem ser inseridos, Pereira (2011, p.273) afirma que o aprendiz, em seu processo de aprendizagem da escrita, testará hipóteses, apresentando segmentações das palavras de forma não convencional, como por exemplo: *emcasa ou gosta ria*. Tais processos são nomeados hipossegmentação e hipersegmentação, respectivamente, objeto de estudo da pesquisadora, mais especificamente na escrita infantil. Com base em produções espontâneas de alunos do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campinas Grande (PB), Pereira (2011) parte da premissa de que a espontaneidade colabora com as ocorrências de segmentações não-convencionais, favorecendo a teoria de que a criança elabora hipóteses de como representar a fala na escrita.

Com relação ao processo de aprendizagem da escrita, é possível observar a máxima de que, à medida que o contato com a língua escrita ocorre, há também uma reestruturação do conhecimento linguístico internalizado. A criança faz da escrita um lugar de reflexão da língua falada, logo as convenções ortográficas geram conflitos, de modo que as escolhas feitas pelas crianças nem sempre condizem com a convenção. Pereira (2011, p. 274) salienta que, isso não significa uma incapacidade por conta do aprendiz, e sim um processo de construção do sistema linguístico.

Em seu trabalho, Pereira (2011, p. 275-276) leva em consideração que cada produção é uma fonte rica de vestígios da linguagem. Em sua pesquisa, foi observado que o aprendiz está em constante oscilação na busca de um sistema alfabético convencional. Como prova disso, o texto traz em um mesmo trecho as formas *netio e meu titio*, para expressarem *meu tio* e *meu titio* respectivamente. Nesse processo de aprendizagem das regras de convenção da

escrita, entram em jogo as regras da oralidade. Citando Abaurre (1988), a autora afirma que “por trás das hipóteses infantis, em alguns momentos, estão presentes características da fala que a criança já domina bem e em outros, estão presentes as marcas próprias da escrita” convencional observada pela criança (PEREIRA, 2011, p. 276).

Nos casos de hipersegmentação analisados, a autora propõe duas possíveis explicações para as oscilações entre escrita convencional e não-convencional: ou a criança faz analogia com a segmentação oral ou faz analogia com algum modelo com que já tenha entrado em contato, como se observa nos exemplos: *ao mocu* (almoço), *no eu* (Noel), *de mais* (demais) e *la vem* (lavem). Ocorrências como “*com migo*” merecem destaque, segundo a autora, visto que, a segmentação pode ocorrer devido ao reconhecimento de uma palavra gramatical “*com*” o que favorece a segmentação não-convencional por corresponder a uma forma já conhecida pela criança. Outra ressalva são os artigos que, nessa fase da escrita, a criança percebe que são escritos separadamente dos outros vocábulos, logo generaliza a regra e segmenta palavras como: *o viu* (ouviu) e *o lha* (olha). Ainda sobre os artigos, a autora levanta a hipótese de que eles já estão interiorizados como palavras, pois a criança aprende que “*a bola*” ou “*a menina*” se escrevem separados, com isso ocorrências como “*a sisto*” e “*a inda*” são pertinentes.

Durante a experiência que a criança faz com a própria escrita, palavras como *de*, *com*, *em*, *que*, *ria* e *ao* ganham uma posição de independência, levando-o a ocorrências como *de pois*, *com tente*, *em siste*, *que ria*, *ao mocu*. Com isso a autora levanta outra hipótese de que há analogia do modelo convencional, em que as ocorrências como *de mais*, *la vem* e *no eu* representam as unidades *de*, *mais*, *lá* e *vem* já vistas pelas crianças. Como última ocorrência de hipersegmentação retirada do texto, são as influências das cartilhas, em que devido à silabificação enfática da linguagem oral e da influência dos exercícios de separação de sílabas há o favorecimento de ocorrência de segmentações como em “*bo ni ta*”.

Outro possível fenômeno encontrado nas produções textuais, analisadas pela pesquisadora, é a hipossegmentação e a hipersegmentação em um mesmo texto. A autora cita uma produção em que a mesma criança ora hipersegmenta “*pra mim*” e ora hipossegmenta “*pramim*”. Essa ocorrência em que em alguns momentos há separação de palavras e em outros momentos há junção de palavras revelam que o aprendiz apresenta “idas e vindas” até alcançar as regras convencionais da escrita.

Ao observar as escolhas das segmentações feitas pelos aprendizes, Tenani (2009), salienta as possíveis relações das práticas orais com as práticas letradas. A pesquisa tem como foco os casos de hipersegmentação, aumento de espaço em branco, como “*com tinuou*” e de

hipossegmentação, ausência do espaço em branco, como “*derrepente*”. Além disso, observou também os tipos de grafias selecionadas na construção da escrita.

Utilizou-se o Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II resultado do Projeto de Extensão Universitária, constituiu um corpus com 207 textos, sendo 107 produzidos por alunos matriculados em três turmas de quinta série e 100 por alunos matriculados em três turmas de sexta série, todos do período matutino, em uma escola da rede estadual em São José do Rio Preto (SP). Como base teórica, Tenani (2010) utilizou-se de teorias fonológicas de base gerativa (BISOL, 2005), uma vez que há evidências de que a criança constrói suas hipóteses sobre o que é a escrita, a partir de conhecimento fonológico internalizado.

Para as produções infantis, foram propostas uma narrativa para a quinta série, com base em uma tirinha, e uma carta para a sexta série. Em 59 das 207 produções analisadas foram encontradas segmentações não-convencionais. Nessas análises, três fatores foram observados: uma redução na ocorrência de segmentação não convencional da quinta para sexta série, baixa flutuação de hipo e hipersegmentação no mesmo texto e um equilíbrio nas ocorrências de hipossegmentação e hipersegmentação.

A partir disso, foi possível analisar que, nos casos de hipersegmentação, há maior incidência de uma sílaba pretônica ser analisada como um clítico, como em “*na quela*”. A autora observa que as ocorrências estão relacionadas, de fato, por envolverem na escrita elementos clíticos, ou seja, elementos prosodicamente fracos como: preposições, conjunções, artigos e pronomes. Além disso, há o caso dos monossílabos não acentuados “*me, se, de, da, em, na, com, por, a, e*” que também favorecem o contexto de hipersegmentação. Como, por exemplo, ocorrências como “*com migo*” e “*em bora*”. Foi observado também que, na quinta série, há mais textos com hiper do que com hipossegmentação. Visto isso, levanta-se a hipótese de que essa conjuntura é indício da influência do processo de letramento/escolarização.

Além disso, para explicar o porquê de grafias não padrão na escrita, a autora caminha pelos limites da fonologia e observa que os aprendizes escolhem entre <M> e <N> para grafar a coda nasal; escolhem entre <RR> e <R> para grafar o R-forte em posição intervocálica e escolhem entre <C> e <S> para grafar /s/ no ataque silábico. Nos casos de hipersegmentação, a escolha é pelo grafema <M>, já nos casos de hipossegmentação, a escolha é pelo grafema <N>. Entretanto em um dado momento das análises observa-se que em um mesmo texto foi encontrada a grafia da palavra “então” como “*en tã*” e “*emtã*”. Segundo a autora, esses

dados mostram as reflexões dos escreventes sobre a segmentação mediante ao espaço em branco.

Por fim, questiona-se o quanto os fatores prosódicos motivam as produções não-convencionais no âmbito escolar. Com isso, afirma a relação que há entre os enunciados falados e os enunciados escritos, de modo que as organizações das sílabas ou dos elementos clínicos interagem na segmentação final.

No que tange os aspectos de hipersegmentação, sabe-se que, no processo de aprendizagem da escrita, a criança enfrentará dificuldades devido à arbitrariedade da palavra. Entretanto, durante as hipóteses testadas por elas, é preciso atentar para o fato de que a criança buscará um todo significativo, fazendo reflexões fonológicas que a fazem dissociar o que é ou não possível ou o que é ou não palavra, assim, atribuindo conceito à 'palavra'. Pensando nisso, Chacon (2009), em seu trabalho *Concepções de "palavra" em escolas de educação infantil*, realça a dificuldade do aprendiz em estabelecer limites entre o oral e o escrito durante o processo de aprendizagem da escrita. Nesse percurso, o conceito do que é palavra para os aprendizes constitui um questionamento, surgindo segmentações não-convencionais. Outro ponto destacado pelo autor são as dificuldades encontradas por professores em seus projetos pedagógicos com a escrita, para estabelecer características (orto)gráficas da escrita, delimitar a atribuição de espaços em branco, precisar a pontuação e a organização da sílaba. Diante disso, Chacon (2009) ressalta que as concepções encontradas nesse processo não são casuais e que há um conflito existente entre a alfabetização e os elementos da língua/linguagem, que englobam a fonética/fonologia.

Como pressuposto, o pesquisador questiona se professores e aprendizes possuem a mesma concepção para o conceito de palavra. Para isso, contou com a participação de vinte e três professoras atuando em salas de Pré II e de Pré III. Como registro, foi pedido tanto para os docentes como para os discentes que respondessem a pergunta: o que é 'palavra'? O objetivo era observar os 'ecos' produzidos pelas crianças mediante as concepções de seus professores.

De forma gradativa, o conceito de palavra foi se aproximando do que seria uma unidade da escrita, mas especificamente uma unidade semântica da escrita, ambas subjacentes às respostas das docentes. Além disso, o autor consegue observar uma concepção fundamentalmente gráfica e semântica, além de aspectos enunciativos, pragmáticos e discursivos da linguagem.

Conclui-se que o conceito de palavra pode, por si só, ter diversos desdobramentos, remetendo aos atos convencionais da fala, à atribuição do sentido e até a distribuição das

redes discursivas, logo mostrando como o conceito de palavra perpassa por diferentes práticas da linguagem.

O ato de escrever leva o sujeito a uma série de tomadas de decisões ao longo do texto, e uma delas é a segmentação de palavras, que o levará a propor diferentes estruturas nas produções. Mas nesse processo, não se pode ignorar o fato de que um texto falado é diferente de um texto escrito, conforme afirma Cagliari (2002), segundo o qual a língua não é um espelho da fala. Além disso, a aquisição da escrita ortográfica não pode ser fundamentada na memorização de palavras, mas precisa ser entendida como um processo de aprendizagem e construção de conhecimento.

3. BASE TEÓRICA

Na Base Teórica desta pesquisa, serão destacados alguns conceitos teóricos relacionados à aquisição da linguagem e à aprendizagem da escrita. Para o desenvolvimento deste trabalho espera-se que cada teoria auxilie a entender os fenômenos de hipersegmentação vigentes. Com relação à Linguística gerativa, Chomsky preocupa-se em explicar a capacidade da linguagem, afirmando ser interna e inata, a qual é denominada gramática universal (GU). Já a Fonologia prosódica é um modelo teórico que busca dar conta dos processos rítmicos e entonacionais da linguagem oral, e por sua vez a teoria da consciência fonológica busca explicar a reflexão consciente que o aprendiz faz a cerca da linguagem. Nesta pesquisa, a base teórica serve como ponto de partida o estudo de aquisição da linguagem escrita.

3.1 LINGUÍSTICA GERATIVA

De acordo com Chomsky (1978), em seu texto sobre *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, o autor apresenta os fundamentos da Teoria Gerativa. Ele afirma que, dentro de uma comunidade linguística, o falante é capaz de usar a sua língua perfeitamente, é capaz de construir a linguagem sem grandes problemas e isso se deve ao fato de todo falante possuir um dispositivo inato capaz de ser desenvolvido, chamado por Chomsky de Gramática Universal (GU).

A Gramática Universal é explicada como um conjunto de propriedades gramaticais comuns a todas as línguas. Segundo o autor, a gramática possui um número finito de regras que podem gerar um número infinito de estruturas, dependendo da interação do falante com a comunidade linguística, ou seja, do contato com um sistema linguístico. O sistema gramatical é composto por três propriedades, pelo léxico que possui itens imprevisíveis e idiossincráticos, pela sintaxe, que é a responsável pela ordem das sentenças de uma língua e pela fonologia, a responsável pela estrutura sonora.

Atentando para a proposta da fonologia gerativa, observa-se que ela busca construir uma gramática fonológica que descreva o conhecimento do falante sobre uma língua e a partir disso, conseguir explicar as variações e os padrões de um sistema linguístico. A fonologia é relacionada ao sistema sonoro de cada língua, mais especificamente, e nesse sentido, as alternâncias sonoras que ocorrem se devem aos processos fonológicos que afetam determinado contexto, propondo, pois, que as regras estabelecidas pelo sistema são sensíveis ao contexto. O objeto principal, então, é descrever/caracterizar e formalizar as alternâncias

sonoras. Visto isso, torna-se fundamental a teoria para esse trabalho, em que buscamos explicar os padrões de segmentações não previstas, mas facilmente explicado pelo processo fonológico.

Em outro momento, para uma melhor reflexão a respeito da linguagem, Chomsky (2006, p.6) afirma que:

Todo falante domina implicitamente um sistema muito detalhado e preciso de procedimentos formais de agrupamento e interpretações de expressões linguísticas. Esse sistema é constantemente usado, de modo automático e inconsciente, para produzir entender novas sentenças, uma característica do uso comum da linguagem. (CHOMSKY, 2006, p. 6).

Desse modo, o autor fomenta que há um sistema empírico e racionalista que tentam dar conta do processo de aquisição/aprendizagem da linguagem. Logo, a criança em seu percurso é capaz de absorver o sistema linguístico ao qual está sendo exposta, mesmo que no meio desse processo fuja do ideal da convenção ortográfica da língua portuguesa.

Assim, é possível também por meio dessa teoria explicar que as ocorrências de hipersegmentação se dão devido à possibilidade de construção e reconstrução de um sistema linguístico feito por um falante nativo, que intenta transformar em código escrito convencional e não natural – a língua falada adquirida naturalmente.

3.2 HIERARQUIA PROSÓDICA

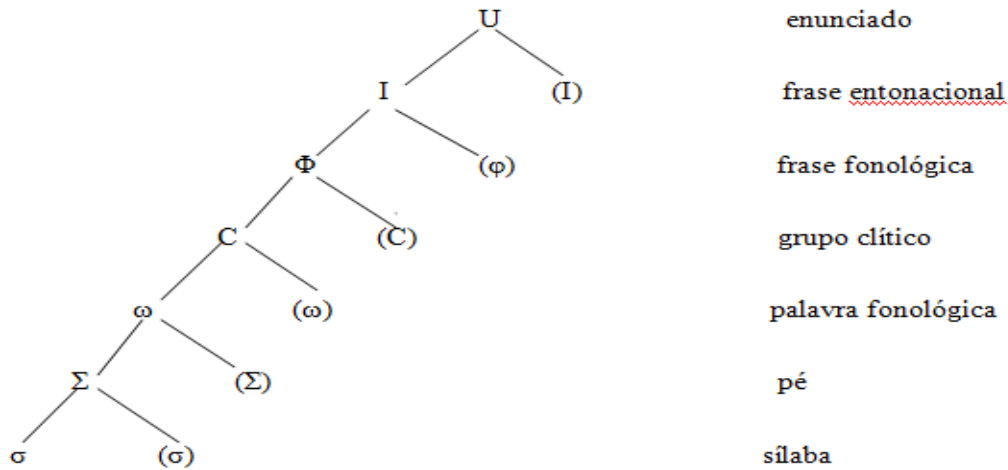
À luz da Teoria Prosódica, com ênfase nos *constituintes prosódicos*, Bisol (1996, p. 229) explica que os constituintes são unidades linguísticas estão hierarquicamente organizadas, havendo entre elas uma relação de dominante/dominado, ou seja, há uma cabeça que domina os elementos da hierarquia mais baixa. Além disso, os constituintes prosódicos contam com informações fonológicas ou não-fonológicas para sua definição de domínio, no entanto possuem as suas próprias relações de dominância.

Nespor e Vogel (1986) afirmam que o sistema fonológico se diferencia por ser um sistema finito, já que não possui regras sintáticas recursivas. De acordo com as autoras, existem sete constituintes que participam da hierarquia prosódica: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (φ), frase entonacional (I) e enunciado (U).

Através de um diagrama arbóreo (1), a hierarquia prosódica estabelece que as sílabas formam pés métricos constituindo palavra fonológica, que por sua vez formam grupo clítico;

já os grupos clítics formam frase fonológica, que combinados formam frase entonacional e, por fim, o enunciado.

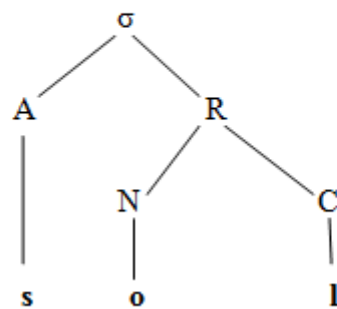
(1)



a) A sílaba (σ)

A sílaba é o menor dos constituintes prosódicos. Os constituintes da sílaba são o ataque (A) e a rima (R), podendo ser subdividido em núcleo (N) e coda (C). Ex: Sol.

(2)



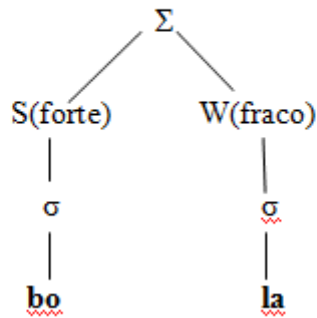
Em se tratando do português, são possíveis as seguintes estruturas silábicas: V (**o** – vo); VC (**es** – ta), VCC (**ins** – tante); CV (**la** – do), CVV (**pei** – to, **pau** – ta), CVC (**pan** – tera, **pas** – ta, **par** – to, **cal** – do). CCV (**bro** – ca; **cra** – vo), CVCC (**cons** – tan – te) e CCVCC (**trans** – porte).

b) O pé métrico (Σ)

É constituído por uma sequência de duas ou mais sílabas com relação de dominância. O pé métrico no português brasileiro normalmente é estruturado de forma que a proeminência

é à esquerda, logo as sílabas dominantes estarão à esquerda e as sílabas dominadas à direita. O pé métrico é fundamental para a identificação de sílabas átonas e sílabas tônicas. Ex: **bo**la.

(3)



c) A palavra fonológica (ω)

A palavra fonológica é o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológicos e os componentes morfológicos. De acordo com Nespor e Vogel (1986), a palavra fonológica forma-se no nível lexical e é a categoria que domina o pé métrico (Σ) e sua característica principal é ter apenas um acento primário entre as sílabas que a constituem, de maneira que uma das sílabas será forte (ou dominante) e as outras, fracas ou recessivas. No português, ao acento primário marca-se da direita para a esquerda, recaindo até no máximo a terceira sílaba. Desse modo, palavras como ‘**bola**’ e ‘couve-**flor**’ são consideradas palavras. No entanto, ‘couve-flor’ é uma palavra morfológica, uma vez que é constituída por duas palavras fonológicas (processo de composição por justaposição) e que possui acento primário na última sílaba do composto (couve-**flor**).

No que diz respeito ao fenômeno da hipersegmentação na escrita inicial, foco deste trabalho, o aprendiz pode reinterpretar/reanalisar palavras fonológicas de maior extensão como duas palavras prosódicas, uma vez que a presença de, pelo menos, duas sílabas constitui para a criança “palavra”, principalmente se remeter a alguma palavra nocional: *ver dade* por *verdade*; *feliz mente* por *felizmente*; *obri gado* por *obrigado*, por exemplo.

d) Grupo clítico (C)

O grupo clítico é o constituinte que segue a palavra fonológica e que possui um ou mais clíticos (preposição, conjunção, artigo e pronome) e uma só palavra de conteúdo. Os clíticos equivalem às formas dependentes descritas por Camara, Jr. (1970), uma vez que não portam acento máximo – são formas átonas - e não funcionam isoladamente como

comunicação. Assim, no grupo clítico, essas formas átonas se ligam à palavra nocional, se apoiando como hospedeiro no acento da palavra que as antecede ou as sucede (**a** mesa; **se** nota; nota-**se**; tem **que**; ter **de**). Em função disso, os clíticos tendem, na escrita inicial, a formar uma só unidade prosódica (ou uma só palavra fonológica), ou seja, tendem a se hipossegmentarem (amesa; senota; notase, temque; terde). Além disso, é também a motivação para a hipersegmentação, tendo em vista que partes de palavras fonológicas podem ser reinterpretadas/reanalizadas como clíticos (ou duas unidades prosódicas): **a** baixo, **em** baixo, **a** cima, **abacate**, **de** baixo, entre outros exemplos).

e) Frase fonológica (φ)

Esse nível de constituinte é superior ao grupo clítico. A frase fonológica agrupa um ou mais clíticos e, no português, é de recursividade à direita; logo, a cabeça lexical localiza-se à direita e todos os demais elementos recessivos ficam à sua esquerda. Segundo Bisol (1996), a frase fonológica é o âmbito por excelência de aplicação do sândi, sendo dois tipos, o que ocorre no interior da frase fonológica e o que ocorre entre duas frases fonológicas com no exemplo extraído da autora: [Samba] φ [é uma beleza] φ ; [Sambewma beleza] φ .

f) Frase entonacional (I)

A frase entonacional pode conter uma frase fonológica ou um grupo de frases fonológicas, desde que mantenham uma linha entonacional. Esse é o constituinte prosódico caracterizado e delimitado pela sequência de acentos e de tons, agregando colocações entre a fonologia, a sintaxe e a semântica: Quando chegar (I), me espere na sala (I).

g) Enunciado (U)

Esse é o constituinte mais alto e maior na hierarquia prosódica. Sua proeminência é à direita, sendo identificado pela pausa e pelos limites sintáticos. Entretanto o enunciado pode sofrer reestruturações semelhantes aos outros constituintes prosódicos, porém de acordo com as condições pragmáticas e as condições fonológicas. Por exemplo, em um enunciado (U) como {[Quando chegar(I)], [eu vou à sala] (I)}(U), pode ocorrer a reestruturação, eliminando fronteira entre frases entoacionais, em função do fenômeno de sândi externo: {[Quando **chegareu** vou à sua sala] (I)} (U).

Em se tratando de ocorrências de hipersegmentação, as produções escritas revelam que há uma tendência a que estas ocorram no nível da palavra fonológica (ω), que pode ter parte dela reinterpretada como um clítico, ou mesmo como duas palavras prosódicas.

3.3 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Segundo Morais (1989), a consciência fonológica se refere à reflexão consciente das propriedades fonológicas e das propriedades da fala. Logo, a criança adquire a consciência dos sons produzido e ouvidos, à medida que é capaz de identificar rima, palavras que começam/terminam com o mesmo som, bem como é capaz de modificar fonemas que formam outras palavras. A consciência fonológica é a habilidade de refletir sobre os sons da fala. Nesse mesmo sentido, Moojen (2003) afirma:

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliteração (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor). (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 11)

Ainda sobre o processo da consciência fonológica, é possível a divisão em três níveis: o da sílaba (capacidade de dividir as palavras em sílabas), o das unidades intrassilábicas (divisão de unidades intrassilábicas, Onset e Rima) e o do fonema (capacidade de manipular os fonemas).

Com isso, no que tange à aquisição da linguagem, o autor observa que a consciência fonológica ocorre de forma gradual, e pode ter início muito antes do contato com a escrita. Já no estágio alfabético, a criança faz ainda o uso da rota fonológica, ou seja, do processo de conversão fonema-grafema, envolvendo a procura por palavras não-familiares e são desenvolvidos os processos decodificação na escrita e de decodificação na linguagem. Logo o reconhecimento fonológico é extremamente relevante para o processo de alfabetização.

Em virtude da importância desse processo, com relação à hipersegmentação, é notório que, na fase da rota fonológica, ocorre na escrita um aprimoramento que contribui para novas habilidades metafonológicas. Logo, o desenvolvimento da consciência fonológica contribui para o processo de aquisição da escrita, uma vez que a capacidade de refletir sobre os sons é fundamental no período inicial de leitura e escrita das crianças, influenciando de forma direta suas escolhas ao segmentar.

4 METODOLOGIA

O *corpus* desse trabalho possui um o total de 720 produções escritas de alunos do Ensino Fundamental (1° ao 6° ano). Essas produções foram coletadas em uma escola municipal do Rio de Janeiro (RJ) localizada em Campo Grande.

Outro ponto a ser destacado refere-se à seleção das produções para a constituição do corpus. O foco foram produções espontâneas, pois são as que melhor revelam as hipóteses que a criança constrói acerca da linguagem escrita. Em função disso, excluíram-se as produções em que houve a intervenção do professor, como cópia do quadro, identificadas a partir da observação de produções repetidas, sendo selecionados ditados, e pequenos textos produzidos a partir de quadrinhos:

Tabela1: distribuição dos dados de hipersegmentação por ano escolar

Ano letivo	1° ano	2° ano	3°ano	4° ano	5° ano	6° ano	TOTAL
Produções	120	120	120	120	120	120	720
Dados	4	3	8	2	4	4	25

Foram coletados apenas 25 dados, apesar do volume de produções escrita (720). Tal fato já era esperado, uma vez que os dados de hipersegmentação, conforme também atestado em estudos anteriores como em Cunha e Miranda (2009), Tenani (2010) e Pereira (2011) não são numerosos. Dessa feita, este trabalho fará uma análise qualitativa dos dados de hipersegmentação.

Os dados são distribuídos e analisados, de acordo com as seguintes variáveis linguísticas:

- **Tipo de hipersegmentação**, em que são observados os tipos de separações:

- i) Palavra gramatical + palavra fonológica; *com migo* – reinterpretação de parte da palavra fonológica (*comigo*) como palavra gramatical (*com*), restando ainda uma palavra fonológica (*migo*).
- ii) Palavra fonológica + palavra gramatical; *corre(n) do* – reinterpretação de parte da fonológica (*correndo*) como palavra gramatical (*do*).
- iii) Palavra gramatical + palavra gramatical; *de pois* – reinterpretação de uma palavra gramatical (*depois*) como duas palavras gramaticais (*de* e *pois*).
- iv) Palavra fonológica + palavra fonológica *cau sar* – reinterpretação de uma palavra fonológica (*causar*) como duas palavras fonológicas (*cau* e *sar*).

A hipótese assumida é a de que há correlação entre os limites das palavras escritas e os constituintes fonológicos, que dizem respeito à organização das sílabas átonas e tônicas em diferentes constituintes prosódicos como a palavra fonológica. Para esses tipos de hipersegmentação, é destacado outro constituinte prosódico, o grupo clítico, que tende a formar uma só palavra prosódica, como já citado. Logo, os resultados das hipersegmentações variam da interdependência que é observada a partir desses constituintes, além disso, sobre as reflexões que os escreventes realizam no próprio texto evidenciando a multifacetada relação do sujeito com a língua(gem).

- **Tipo de sílaba**, em que se considerou a estrutura silábica hipersegmentada:

- i) Sílaba livre - terminada por vogal oral - CV, CCV – como a segmentação da palavra ‘devemos’ em (*de*) (*vemos*).
- ii) Sílaba travada/fechada - terminada por consoante - CVC, CCVC – como a segmentação da palavra ‘comigo’ em (*com*) (*migo*).
- iii) Sílaba de núcleo complexo – terminada por glide (CVV) – como a segmentação da palavra ‘causar’ em (*cau*) (*sar*).

Com a variável **tipo de sílaba**, verifica-se o padrão silábico em que a hipersegmentação ocorre.

- **Tonicidade da sílaba**, em que se observou a tonicidade da sílaba hipersegmentada:

- i) Átona - ‘convocou’ por *com vocou*.
- ii) Tônica - ‘obrigado’ por *obri gado*).

Com a variável **Tonicidade**, analisou-se a tendência da segmentação ocorrer nas sílabas que possuem mais ênfase/ intensidade, permitindo uma possível segmentação.

- **Número de sílabas**, em que se observou a quantidade silábica das palavras hipersegmentadas:

- i) Duas - ‘causar’ - *cau sar*.
- ii) Três - ‘devemos’ - *de vemos*.
- iii) Quatro - ‘obrigado’ - *obri gado*.
- iv) Cinco - ‘delicioso’ - *de lisioso*

Parte-se da hipótese de que a hipersegmentação tenderia a ocorrer em palavras de maior extensão.

- **Ano escolar**, cujo objetivo foi verificar como ocorre a evolução dos processos de segmentação das palavras, pois, de modo progressivo, é esperado que, com tempo de contato com as práticas de letramento, as exigências feitas ao longo dos anos escolares e o aumento de produções textuais, as ocorrências de segmentações não convencionais reduzam de maneira significativa. Os dados foram coletados em produções escritas por aprendizes do 1º. ao 6º. ano escolar.

Desse modo, a análise dos dados consiste na observação das hipóteses das variáveis linguísticas e extralinguísticas aqui citadas, agregando aos estudos já realizados, fazendo sempre possíveis ponderações e acréscimos à luz dos conceitos anteriormente descritos.

5 ANÁLISE

5.1 TIPOS DE HIPERSEGMENTAÇÃO

Por meio das hipóteses formuladas para a análise das hipersegmentações encontradas no corpus, observa-se o percurso de aprendizado da fala para a escrita. Além disso, espera-se que as produções evidenciem uma relação com a hierarquia prosódica e a consciência fonológica internalizada, justificando as tendências de hipersegmentação.

Parte-se da hipótese de que o aprendiz se apoia tanto no conhecimento fonológico internalizado quanto na sua própria oralidade. Além disso, por já ter algum conhecimento são formuladas algumas hipóteses para a representação da escrita, oscilando entre segmentar e não segmentar corretamente as palavras. Abaixo, a tabela com os resultados:

Tab.2: variável 1 – tipos de hipersegmentação.

Tipos de hipersegmentação	Coleta	%	Exemplos
Palavra gramatical+ palavra fonológica	16	64%	“com migo”
Palavra fonológica + palavra gramatical	0	-	*“ <i>corre(n/m) do</i> ”
Palavra gramatical + palavra gramatical	0	-	*“ <i>de pois</i> ”
Palavra fonológica + palavra fonológica	09	36%	“cau sar”

Os resultados demonstram que, neste estudo, as hipersegmentações ocorrem numa palavra fonológica, reanalisada como uma palavra gramatical + uma palavra fonológica. Foram 16 ocorrências (64%) num total de 25 dados. É importante acentuar que foram encontradas repetição de um mesmo dado, como por exemplo, a repetição de ‘com migo’ e ‘a susta’ aparecendo duas vezes em produção diferentes. Em se tratando de hipersegmentação de palavra fonológica + palavra fonológica, há um total de 09 ocorrências, correspondendo a 36% dos dados, por exemplo a hipersegmentação de ‘causar’ por *cau sar* e ‘obrigado’ por *obri gado*.

Ao hipotetizar como se representa a oralidade na escrita ou como se colocam espaços em branco, é comum o aluno entender a palavra como aquilo que porta algum significado. Depara-se, então, na escrita com uma unidade gramatical (preposições, artigos, conjunções) ou semântica, e tentará efetuar uma elaboração gráfica adequada, como se observa na tabela 3:

Tab.3: tipo de segmentação: palavra gramatical + palavra fonológica.

Sem significação lexical	Com significação lexical
a subio (<i>assovio</i>)	de vemos (<i>devemos</i>)
a susta (<i>assusta</i>)	de respeita (<i>desrespeita</i>)
a sisti (<i>assistir</i>)	de baix (<i>debaixo</i>)
a comtece (<i>acontece</i>)	a prendi (<i>aprendi</i>)
a berto (<i>aberto</i>)	
de lisioso (<i>delicioso</i>)	
e teresante (<i>interessante</i>)	
com migo (<i>comigo</i>)	
com vocou (<i>convocou</i>)	

Nos dados da tabela 3, a parte da palavra hipersegmentada é reanalisada como palavra gramatical: preposição, conjunção e artigo. No entanto, observa-se que há dois tipos de elaboração gráfica realizada pela criança. Na primeira coluna, o que resta à direita da palavra são apenas palavras fonológicas, sem nenhum significado lexical (ex: *a subio*; *de lisioso*; *com vocou*). Por outro lado, nos dados contidos na segunda coluna, o que resta à direita da palavra além de ser uma palavra fonológica é também uma palavra com significação lexical (ex: *de respeita*; *de baix*; *a prendi*).

Para explicar o primeiro caso, ou seja, a separação em que se formam palavras fonológicas sem significação lexical, entende-se que a criança recorre ao conhecimento fonológico internalizado, mais especificamente à hierarquia prosódica. Cabe lembrar que, na constituição de palavra fonológica, há a junção de, pelo menos duas sílabas, formando pé métrico, a partir do qual se estabelece o acento lexical. Em português, há a tendência à formação de acento do tipo troqueu silábico, em que a proeminência silábica se estrutura da direita para a esquerda. Em outras palavras, o acento² recai na penúltima sílaba, formando palavras paroxítonas. Assim, a hipersegmentação baseia-se no conhecimento internalizado de que para se formar palavra basta haver duas sílabas.

No segundo caso, ou seja, a separação em que se formam palavras fonológicas com significação lexical, pode-se considerar que o componente semântico da gramática entra em curso, uma vez que o aprendiz pode ter reconhecido o significado da palavra à direita, fazendo com que a isole da palavra gramatical.

As mesmas explicações se aplicam às ocorrências de hipersegmentação que formam duas palavras fonológicas (palavra fonológica + palavra fonológica):

² Em português, o acento pode recair nas três últimas sílabas: oxítona, paroxítona e proparoxítona.

Tab.4: tipo de segmentação: palavra fonológica + palavra fonológica.

Ambas sem significação lexical	Apenas uma com significação lexical	Ambas com significação lexical
cora cão (<i>coração</i>)	cau sar (<i>causar</i>)	causa dão (<i>calçadão</i>)
traba lião (<i>trabalhão</i>)	obri gado (<i>obrigado</i>)	bota fogo (<i>botafogo</i>)
		pasi ar (<i>passar</i>)
		alegre mente (<i>alegremente</i>)
		simples mente (<i>simplesmente</i>)

Na primeira coluna, observa-se que as palavras hipersegmentação não possuem significado lexical, mas preservam o pé métrico, legitimando a formação de duas palavras prosódicas:

"sabia que elas *tra balião* mu ito" – (3° ano)

"no fundo do meu *cora cão* voce e minha melhor a miga" – (6° ano)

Na segunda coluna, a hipersegmentação parece levar em conta tanto o componente semântico (*cau* ~ *cal*, em *cau sar*; *gado*, em *obri gado*) quanto a formação de pé métrico (*obri*, em *obri gado*).

Na terceira coluna, ambas as formas resultantes da hipersegmentação constituem palavra lexical, ou seja, remetem a uma significação no mundo biossocial do aprendiz (ex: *bota fogo* em *botafogo*):

"O rio tem muita praias tipo flamengo, *bota fogo* e muito mais" – (4° ano)

"no *causa dão* de ipanema" – (3° ano)

Com isso, a criança busca segmentar de acordo com as estruturas visuais decorrentes da prática de letramento que já são conhecidas por elas (palavras gramaticais) e palavras que fazem parte da noção de mundo biopsicossocial. Durante o processo de aprendizagem da escrita, o aprendiz realiza as escolhas necessárias na hora de recompor a fala para o seu modo escrito, formulando hipóteses próprias a partir de algo já conhecido/internalizado.

Assim como nas pesquisas realizadas por Cunha e Miranda (2009) e Pereira (2011), o maior número de estruturas hipersegmentadas encontradas nessa pesquisa também foram classificadas dentro da categoria palavra gramatical + palavra fonológica (Ex: *de vemos*). Entretanto a quantidade de estruturas da categoria palavra fonológica + palavra fonológica (Ex: *obri gado*) ultrapassou o limite esperado, já que essa é a forma menos recorrente nas pesquisas aqui citadas.

Por último, não houve ocorrências de 'palavra gramatical + palavra gramatical' (ex: *de pois*) dados que também não aparecem na pesquisa de Cunha e Miranda (2009), já no caso de

‘palavra fonológica + palavra gramatical’, apesar da baixa produção destacada pelas autoras, foi possível observar dados como *correm do* por ‘correndo’ e *tu do* por ‘tudo’, entretanto o mesmo não ocorre nos dados dessa pesquisa.

5.2 TIPO DE SÍLABA

A sílaba uma unidade básica para a aquisição fonológica no que se refere ao Português brasileiro, a estrutura CV é a primeira a ser adquirida, ao passo que CVV e CVC são adquiridas e internalizadas posteriormente. Pretendeu-se observar se haveria alguma relação entre o tipo de estrutura silábica e maior ou menor ocorrência de hipersegmentação. Os resultados se encontram na tabela abaixo:

Tab.5: dados de tipo de sílaba

Tipo de sílaba	Oco	%	Exemplo
Sílaba livre	19	76%	<i>de vemos (devemos)</i>
Sílaba travada	5	20%	<i>com vocou (convocou)</i>
Núcleo complexo	1	4%	<i>cau sar (causar)</i>
Total	25	100%	

Apesar do baixo número de dados, é possível considerar que os aprendizes tendem a preservar as estruturas silábicas do português, o que também foi observado por Cunha e Miranda (2009), ou seja, as crianças propendem a hipersegmentar em sílaba livre (CV) reelaborando uma nova divisão silábica (19 oco, 76%). No entanto, cumpre destacar que, em se tratando de sílaba com coda preenchida, a hipersegmentação tende a ocorrer com nasais, em que dentre as 5 ocorrências analisadas, 4 hipersegmentações foram em sílabas com nasais e apenas uma sibilante (ex: *simples mente*), não importando o ano escolar do aprendiz:

"o mundo todo brica *com migo*" (1º. ano)

"foretas qe *com vocou*" (3º. ano)

"eu a prendi que a páscoa e muito *em portate*" (5º. ano)

"Que ir no shopping *com migo*" (6º. ano)

A tendência à hipersegmentação em nasal reabre a discussão acerca do *status* fonológico da vogal seguida de nasal, ou seja, se trata de dois segmentos (Vogal + Nasal) ou um só (Vogal nasal). É possível postular que uma motivação para a hipersegmentação em

sílaba travada por nasal se deva ao fato de que o aprendiz interprete vogal + nasal como um só segmento. No entanto, seu contato com as práticas de letramento o tenha levado gradativamente ao preenchimento da coda com nasal.

Obteve-se apenas uma ocorrência de sílaba de núcleo complexo (CVV), em que o aluno manteve as duas vogais na mesma sílaba, talvez em função de perceber ali algum significado lexical (*cau sar* 01 oco., 4%).

5.3 TONICIDADE DA SÍLABA

Em relação à variável *tonicidade da sílaba*, intentou-se verificar a influência do acento na decisão da criança para inserir o espaço em branco. Os resultados estão apresentados na tabela 6 abaixo:

Tab.6: dados da tonicidade da sílaba.

Tonicidade	Oco	%	Exemplo
Sílaba átona	10	40%	<i>a sobio (assovio)</i>
Sílaba tônica	15	60%	<i>obri gado(obrigado)</i>
Total	25	100%	

Após a observação da tabela, pôde-se constatar que, mesmo que as sílabas átonas sejam o contexto de maior tendência de desenvolverem processos fonológicos, no caso do fenômeno de hipersegmentação, o maior número de ocorrências foi na sílaba tônica (15 oco., 60%), em detrimento do contexto de sílaba átona (10 oco., 40%). Tais resultados se assemelham aos encontrados por Cunha e Miranda (2009, p. 145), que concluíram que a sílaba tônica parece influenciar a decisão da criança, com isso a segmentação ocorre nas sílabas de maior intensidade.

5.4 NÚMERO DE SÍLABA

Na variável *número de sílabas*, a hipótese consiste em que a hipersegmentação tenderia a ocorrer em palavras de maior extensão, preservando a formação do pé métrico (duas sílabas) para a formação de palavras fonológicas:

Tab.7: dados do número de sílaba

Nº de sílaba	Oco	%	Exemplo
Duas	2	8%	<i>cau sar</i> (causar) <i>mu ito</i> (muito)
Três	15	60%	<i>de vemos</i> (devemos)
Quatro	6	24%	<i>obri gado</i> (obrigado)
Cinco	2	8%	<i>de lisioso</i> (delicioso)
Total	25	100%	

Como se pode constatar na tabela 7, os resultados mostram que a hipersegmentação tende a ocorrer em palavras de maior extensão, ou seja, três (15 oco., 60%), quatro sílabas (6 oco., 24%) e cinco sílabas (2 oco., 8%).

Com base nos resultados, fica evidente que a hipersegmentação preserva a formação de pé métrico (ritmo) mais comum no português, qual seja, troqueu silábico: duas sílabas com acento máximo recaindo na penúltima sílaba a partir da direita (paroxítona).

No caso de trissílabos, os dados apresentam três subtipos de hipersegmentação, formando sempre pé métrico binário:

- uma sílaba + um pé troqueu (duas sílabas com acento à esquerda), constituindo palavra paroxítona, como em:

"Porque não *de vemos* saltar balão?" (1º ano)

"o saci *a susta* a viajante" (2º ano)

"o mundo todo brica *com migo*" (1º ano)

"ma reuna *de bax* (*debaixo*) da bananeira" (3º ano)

"sabia que elas *tra balião* mu ito" (3º ano)

"ele parece o meu coração *a berto*" (4º ano)

"Que ir no shopping *com migo*" (6º ano)

"no fundo do meu cora cão voce e minha melhor *a miga*" (6º ano)

- uma sílaba + um pé métrico em iambo (pés binários com cabeça/acento à direita), formando palavra oxítona como em:

"com seu *a subio*" (2º ano)

"foretas qe *com vocou*" (3º ano)

"eu *a prendi* que a páscoa e muito em portate" (5º ano)

"de outros estados *a sisti* os jogos" (5º ano)

- um pé troqueu (duas sílabas com acento à esquerda - paroxítona) + uma sílaba, como em:

"no *causa dão* (calçado) de ipanema" (3º ano)

Os resultados desta pesquisa se diferenciam dos resultados visto por Chacon (2005), pois não há ocorrência de uma sílaba mais de um pé espondeu (sequência de duas sílabas longas – um sílaba acentuada e uma pesada), formando palavra paroxítona, como em *a sacar* (açúcar). Por outro lado, os alto percentuais de ocorrência de hipersegmentações em trissílabos assemelham a pesquisa de Chacon (2005. p. 82) que afirma que “as rupturas ocorreram em pontos de delimitações de constituintes prosódicos como a sílaba e o pé”, evidenciando as práticas orais na escrita por sua estrutura rítmica.

Nos casos dos polissílabos de quatro sílabas há duas ramificações:

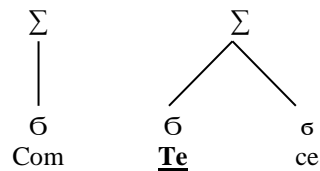
- Formação de dois pés métricos binários, resultando em duas palavras paroxítonas:

"muito doa *obri gado* mãe" (1° ano)

"O rio tem muita praias tipo flamengo, *bota fogo* e muito mais" (4° ano)

"*simples mente* amo morar nessa cidade maravilhosa" (6° ano)

- Uma sílaba + palavra fonológica trissilábica paroxítona, sem formação de pé métrico binário. Segundo a Teoria Métrica (HAYES, 1995 *apud* BISOL, 2005), forma-se palavra com *pé degenerado* ou *desgarrado*:



"no maracanã *a comtece* jogos" (5° ano)

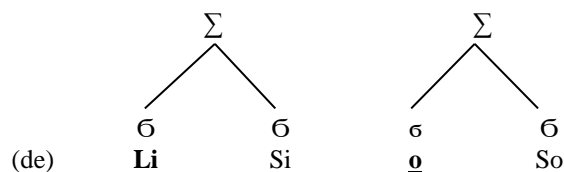
"*e de respeita* a mãe" (3° ano)

"eu a prendi que a páscoa e muito *em portate*" (5° ano)

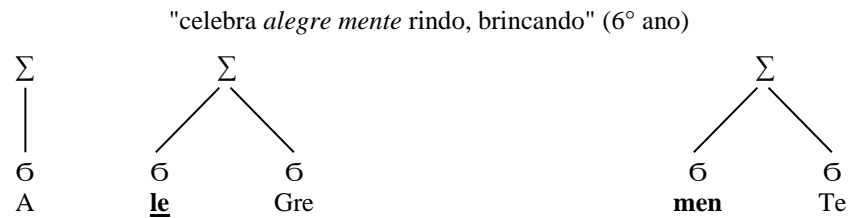
No caso de polissílabos com cinco sílabas, formam-se novas palavras fonológicas com:

- uma sílaba + palavra fonológica paroxítona formada por dois pés métricos:

"porque e um o caudo *de lisioso*" (3° ano)



- duas palavras fonológicas: uma trissilábica paroxítona, com pé métrico degenerado, e outra dissilábica, logo, pé métrico binário:



Os casos dos polissílabos tanto de quatro sílabas como os de cinco sílabas não aparecem nos dados da pesquisa de Chacon (2005), visto que para o autor os trissílabos podem oferecer indícios mais interessantes para a ação da prosódia, como também foi confirmando acima no ato percentual dos trissílabos analisados. Entretanto para esta pesquisa, vale ressaltar que os polissílabos hipersegmentados apresentam variação significativa sendo passível de análise.

5.5 ESCOLARIDADE

A variável extralinguística *escolaridade* é destacada por ter relevância no processo evolutivo que a criança estabelece com a escrita, em que é esperado que à medida do avanço dos anos escolares o aprendiz domine os códigos necessários para a produção escrita. Nesse sentido, o tempo de contato com o texto e com as produções textuais devem contribuir para a diminuição das ocorrências de hipersegmentação. Tendo isso como pressuposto, seguem os resultados:

Tab.8: distribuição por anos escolares

Ano	Oco	%
1°.	4	16%
2°.	3	12%
3°.	8	32%
4°.	2	8%
5°.	4	16%
6°.	4	16%
Total	25	100%

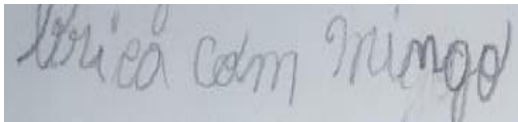
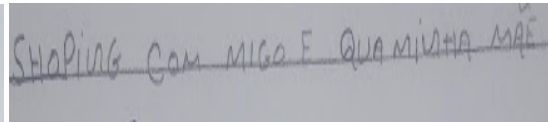
Com base nos resultados da tabela 8 acima, constata-se que, em função do baixo número de ocorrências, os dados estão pulverizados, optando-se por reagrupar os anos escolares. Assim, serão contabilizados os dados de 1°, 2°, e 3°. anos de um lado, e 4°, 5°. e 6°. anos, de outro:

Tab.9: reagrupamento dos anos escolares.

	Oco	%
1° ao 3°.	15	60%
4° ao 6°.	10	40%
Total	25	100%

Como base na tabela 9, é possível observar que à medida que os aprendizes avançam nos anos escolares há um declínio nas ocorrências de hipersegmentação: do 1° ao 3° ano (15 oco., 60%) para o 4° ao 6° ano (10 oco., 40%). Nesses resultados, é preciso destacar que os alunos do 1° ao 3° ano produzem menos e/ou textos menores; por outro lado, os alunos do 4° ao 6° ano são exigidas produções maiores. Ainda assim, pode-se considerar que, com a proximidade com as práticas de escrita e leitura, as dúvidas de onde segmentar diminuem gradativamente.

Vale ressaltar que alguns desvios perpassam as séries, e por vezes chegam ao ensino superior. Para exemplificar tal ocorrência, apresentam-se duas frases de uma produção escrita por aluno do 1°ano (figura 1), e outra, por aluno do 6°ano (figura 2):

**Figura 1:** Produção escrita pelo 1°ano**Figura 2:**Produção escrita pelo 6° ano

Diante da ocorrência de hipersegmentação tanto do 1° ano quanto a do 6° ano, é possível conjecturar, que o aluno de séries iniciais está suscetível à hipersegmentação devido à não familiarização com a escrita alfabética, já o aluno de séries mais avançadas permanecem os desvios de segmentação, em tese, devido a produção de textos mais extensos e espontâneos, o que pode levar a maiores chaces de segmentações não-convencionais. Notamos que o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas não pressupõe, necessariamente, o fim de segmentações não convencionais na escrita. Cabe levar em conta que o indivíduo possui suas próprias hipóteses sobre a língua e isso vai influenciar na construção de seus textos. Portanto, para trabalhos futuros pode-se ter como investigação os contextos os quais as produções escritas se encontram, como por exemplo a extensão do texto.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como principal objetivo observar e analisar os processos de segmentação de palavra no período de aprendizagem da escrita e a influencia dos constituintes prosódicos nos dados analisados. Constatamos a correlação entre os constituintes prosódicos, sílaba e pé métrico, e da consciência fonologia atuando na formação de palavras fonológicas e grupos clíticos.

No presente trabalho, considerou-se uma análise qualitativa do fenômeno de hipersegmentação dos aprendizes do 1º ao 6º ano do Ensino fundamental. Das 720 produções analisadas, foram coletados 25 dados desse processo. Os dados revelam que: (i) a hipersegmentação é mais frequente entre palavras gramatical + palavra fonológica ocorrendo em 64% dos dados, (ii) o tipo de sílaba mais recorrente para as segmentação não convencionais encontrou-se na sílaba livre em 76% dos casos, (iii) em relação à tonicidade dessa sílaba a maior ocorrência foi nas tônicas com 60% dos dados analisados, (iv) em relação ao número de sílabas, os trissílabos foram mais recorrentes com 60% de aparição nos dados observados, (v) a hipótese de que o fenômeno diminuiria ao longo dos anos escolares se confirma, à medida que os dados são reagrupados, levando a 60% das ocorrências dos alunos do 1º ao 3º ano.

Enfatizamos que não foi a busca pelos erros que nos conduziu a este trabalho, mas sim a reflexão feita a partir dessas ocorrências, levando à conclusão de que há influências tanto das regras de funcionamento da língua quanto da fala. Tais regras favorecem a escrita segmentada fora das regras convencionadas. Com esse trabalho, observou-se que as segmentações não-convencionais não ocorrem de maneira arbitrária, pois o conhecimento fonológico internalizado do aprendiz influencia a aprendizagem da escrita. Pôde-se observar que durante o processo de aprendizagem da escrita a criança passa por uma instabilidade na segmentação de palavras, e isso se deve ao fato de a criança criar hipóteses sobre como se representam os sons da fala na escrita. Esse processo é natural e tende a se regulariza ao logo da escrita alfabética. Dessa forma, é possível dizer que, como salienta Cunha (2004), a decisão da criança ao segmentar um texto é resultante de vários processos, envolvendo, geralmente, mais de uma motivação.

Por fim, as produções revelam o quanto o processo de alfabetização vem deixando lacunas, que estão se perpetuando por uma longa jornada educacional. É necessário que os docentes dos anos iniciais tenham uma formação linguística que os permita compreender - e melhor auxiliar - ao aluno que se utiliza de conhecimentos prévios para compor a escrita e

que os erros ortográficos não são aleatórios, mas obedecem às regras internas e externas ao falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 71-87. 30.

BISOL, Leda. “Os constituintes prosódicos”. In: _____. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. ed. 3. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 229-241.

BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Aquisição da Linguagem. In: MARTELOTTA *et al.* *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 207-216.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. (ORG.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

CHACON, Lourenço. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, 2005, p. 77-86.

CHACON, Lourenço. Concepções de “palavra” em escolas de educação infantil. In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 13, n. 24, 1º sem. 2009. p. 173-186.

CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe. (Trad. MEIRELLES, J. A.; RAPOSO, E. P.). 2. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1978.

CHOMSKY, Noam. *Sobre a Natureza da Linguagem*. Trad. Marylene Pinto Michael. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Pelotas: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2004.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MartElotta, M. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 127-140.

LAMPRECHT, Regina Ritter *et alii.* *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. São Paulo: Arned, 2004.

LEE, Seung Hwa. Fonologia Gerativa. In: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 31-45.

MOOJEN, Sônia (org.). *CONFIAS – Consciência Fonológica: instrumento de avaliação sequencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 38 p.

MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes; LEITE, Tânia Maria Rios. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 71-87.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Orlando: Academic Press, 1986.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. A segmentação no processo de aquisição da linguagem escrita. In: *Veredas on line*. Juiz de Fora: Atemática. n. 1, 2011. p. 273-288.

SCHERER, Ana Paula Rigatti. Consciência fonológica na alfabetização infantil. In: *Consciência dos sons da língua: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2. edição – revisada. Porto Alegre. Edipucrs, 2012. p. 109-118.

SERRA, Márcia Pereira. *Segmentação de palavras: prosódia e convenções ortográficas na reelaboração da escrita infantil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

TENANI, Luciani. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. Pelotas: *Cadernos de Educação*, 2010. p. 247-269.

TENANI, Luciani. Fonologia Prosódica. In: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 109-122.

TICIANEL, G. F. *Discurso direto e hipossegmentações na aquisição da escrita*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.